

PROJETO

Pela arte ampliada

Sem Título Arte lança selo editorial com a publicação de livro baseado na exposição de Solon Ribeiro

Arte é a minha salvação”, declara Jacqueline Medeiros – pesquisadora, curadora e crítica de arte. “Se você está cansado, dando uma de robzinho – tal hora isso, tal hora aquilo –, quando para em frente a uma obra que lhe toque, você vai pra outro universo. Um que você não iria se não olhasse pra ela”, conclui.

Desde novembro de 2016, ela divide a coordenação da galeria Sem Título Arte com a artista visual Elizabeth Guabiraba e, juntas, estão sempre buscando novas maneiras de aproximar o público das produções cearenses. Um dos caminhos encontrados para atingir este objetivo foi o lançamento de um selo editorial da própria galeria.

Jacqueline explica que essa é a realização de um antigo desejo como pesquisadora, devido à dificuldade em encontrar materiais sobre artes visuais no Ceará. “Sempre tive essa vontade de fazer uma exposição e reunir textos de pesquisadores sobre artistas cearenses, essa preocupação em registrar” relata, salientando que o selo editorial foi um meio encontrado por ela e Elizabeth para agregar um “algo mais” às exposições, dando espaço para entrevistas e a própria voz do artista.

“Estamos tentando fazer com que as pessoas não só vejam a exposição, mas também busquem mais conhecimento, conheçam o artista”, afirma Jacqueline, que acredita veementemente na importância de tentar compreender o que o autor quis expressar e isso se torna ainda mais fácil quando eles estão tão próximos de nós.

“As pessoas precisam saber o que é a arte em Fortaleza, entender que esses artistas estão aqui, mas também estão nacionalmente. Porque muita gente nem conhece. Então quanto mais iniciativas, melhor”.

Publicação

O primeiro livro a ser lançado com o selo da Sem Título é “O olhar que espreita por meus olhos”, baseado na obra de Solon Ribeiro – atualmente em exposição na galeria.

“O Solon é um artista que tem inserção nacional, mas localmente muitos não têm acesso às suas obras”, pontua Jacqueline. Assim, o livro é rico em textos de curadores, pesquisadores e entrevistas que reconstroem o percurso do autor na fotografia.

Assumindo um formato qua-



➔ **Livro baseado na obra de Solon Ribeiro; abaixo imagens da exposição do artista**



se artesanal, a publicação tem a lombada cuidadosamente costurada e é fruto de diversas parcerias, tendo em vista que a galeria não recebeu nenhum patrocínio.

“Pra sair esse livro, tivemos a colaboração de todos que estão aqui no texto, da gráfica que fez parceria com a gente, pra fazer a exposição teve uma parceria com a Sem Título Fine Art... Então cada um vai cedendo e ajudando em prol de um benefício no qual todo mundo está acreditando”, detalha Jacqueline.

Devido às dificuldades financeiras encontradas na publicação, a primeira tiragem de “O olhar que espreita por meus olhos” é de apenas 100 exemplares. Entretanto, a coordenadora espera que esse número aumente.

“Uma parte vai pra venda, para custear a impressão. Depois a gente lança outra tiragem. Vai indo de acordo com o público que vamos atingindo. Não posso pegar esse livro e sair distribuindo para todo mundo porque preciso pensar na próxima edição”, desta ela, ressaltando que a galeria arcou com todos os gastos, já que o livro também funciona como um espaço de arte.

Registro

O lançamento em questão não se configura como um catálogo, mas um registro da exposição, conforme elucida Jacqueline: “Como a impressão dele é artesanal, as fotos não estão com a qualidade 100% de

uma foto impressa em fine art. Mas se você não for ler o texto e for ver só as imagens, está vendo a exposição como ela está montada”.

Ao contrário do que se pode pensar sobre impressões artesanais, o livro esbanja um charme especial através dos textos escritos em letras vermelhas. “O padrão sempre vai ser duas cores. Porque esse tipo de impressão não tem uma paleta de cores muito grande. O Solon gosta muito do vermelho e do preto, então foi ele quem escolheu essa cor”, comenta a coordenadora, acrescentando ainda que o próximo artista a integrar a coleção, Eduardo Frota, já escolheu as cores que deseja.

O evento de lançamento do livro acontece hoje (28) na Sem Título Art, às 19h, e a publicação estará à venda por R\$ 70, junto a uma fotografia 15x21 feita por Solon Ribeiro.

“Então quem estiver comprando o livro, vai também estar comprando uma obra de arte e aí sim numa impressão 100% de obra”, esclarece Jacqueline, apontando ainda para um “desconto bem generoso” que será atribuído a estudantes de arte. “Porque a ideia da gente é que os estudantes e pesquisadores tenham acesso a esse conteúdo”, conclui.

➔ Mais Informações

Lançamento de “O olhar que espreita por meus olhos”. Hoje (28), às 19h, na Sem Título Arte (R. João Carvalho, 66, Aldeota). Contato: (85) 3037.0008

DISCO

Estranhamento de Donato

PEDRO SÓ
Agência O Globo

Essa altura do campeonato, nada mais choca em música, nem mesmo as remixagens paródicas de Nego Bam cantando o “Hino nacional” e “Wonderwall”. Mesmo assim houve quem enxergasse – ou melhor, ouvisse – bizarria ou extrema ousadia no novo disco “Sintetizamor”, de João Donato, 82 anos, em parceria com seu filho de 32 anos.

Nem uma coisa nem outra. Para dissipar eventuais estranhamentos nesta animada e bem-humorada coleção de embalos eletrônicos, nem é preciso lembrar que Donatinho, a despeito da idade, é um músico e

produtor obcecado por timbres, instrumentos e balanços de quatro décadas atrás.

Influências

Não, basta ouvir o funk “Surreal”, parceria entre pai, filho, Julia Bosco e Domenico Lancellotti. A música, com sopros que remetem aos arranjos de Lincoln Olivetti, é dedicada a Herbie Hancock – aos 77 anos, quase colega de geração do acriano – mas, na verdade é mais do que inspirada em “I thought it was you”, faixa lançada pelo jazzista americano em 1978 no álbum “Sunlight”, com usos e abusos do talking box para distorcer o canto.

Considerando que o pioneiro da bossa nova já havia tomado o desvio funk em 1970,



O músico e compositor João Donato, que aos 82 anos, em parceria com o filho Donatinho, de 32, lança o novo disco “Sintetizamor”

com ‘A bad Donato’, está tudo em casa e em família. Claro que, no susto, alguém pode confundir “Interstellar”, cantada em inglês por Gabriela Riley e um Donatinho filtrado no vocoder, com um novo single de Bruno Mars ou algo do Daft Punk.

As referências de Donatinho, creditado como produtor e arranjador (de base e de sopros) são as mesmas de certas faixas de Mars e da dupla francesa, vêm do baú de tesouros da fase de ouro do funk eletrônico e de seus híbridosismos com a discothèque, o jazz e o AOR. E, por falar em AOR, a ótima canção “Lei do amor”, de Donato, Donatinho e Rogê, se encaixaria com perfeição no repertório de Ed Motta, cultor do gênero e um dos primeiros a saudar, em rede social, este “Sintetizamor”.

A concepção de Donatinho é pop ma non troppo: dada a

alguns excessos, ocasionalmente se deleita demais com alguns brinquedinhos. Mas inteligentemente deixa espaço para a essência de João Donato brilhar ao longo do disco.

“Ilusão de nós”, parceria entre pai, filho e João Capdeville, é uma bossa com o acento latinizado inconfundível do acriano ao piano Rhodes, temperada adicionalmente por melodias japonesas e efeitos eletrônicos.

“Vamos sair à francesa”, na ortodoxia donatiana, com os vocais informais do mestre dando o recado da letra de Ronaldo Bastos, também deixa a porção Donatinho em segundo plano. E não convém se iludir nem mesmo com Donatão arriscando um papinho “oi sumida” no estilo pillow talk de Isaac Hayes e Barry White na pândega “Clima de paquera”: as harmonias e os sopros são coisa séria.